



Gaiato

15 DE JUNHO DE 1968

ANO XXV — N.º 633 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



TRIBUNA de Coimbra

À minha volta há um mundo de movimento e de barulho. São as obras para nosso futuro Lar na cidade de Coimbra. Uma das máquinas da Câmara anda há três dias a remover terrenos e a furar rochas. Não descansa no seu ranger de dentes. Sr. Presidente da Câmara tem vontade de nos ajudar. Regosijámo-nos com isso, pois a nossa vida é totalmente a Bem da Nação.

Na minha frente, de talhadeira e marreta nas mãos, o «Vitinho» vai cortando ferro e amarrando vigas. «Bandarrúta» e «Fogueteiro» giram num vai-vem com as padiolas de massa. «Choninhas» anda pasmado de gamela à cabeça. Fernandito e «Abóbora» não param de medir cimento e areia. «Chola», sempre de cabeça ao vento, lá vai partindo as pedras maiores e vai-as chegando aos pedreiros. «Avó» e «Zai», de colher e maceta, vão levantando as paredes, colaborando com os dois pedreiros mestres.

Embora lentamente, as colunas vão aparecendo e a casa há-de ir subindo. Nós não podemos com ritmo mais acelerado.

Desde que começámos tenho andado todos os domingos pelas igrejas da cidade e vou continuar até as correr todas. Quero transmitir aos fiéis que se aproximam do Altar a vida e necessidades de irmãos aflitos e dizer-lhes que não conseguimos preparar homens de amanhã, se hoje lhes não proporcionarmos condições e ambiente de dignidade.

Tenho trazido das igrejas alguma coisa nas nossas sacas, mas creio mais na eficiência da inquietação que procuro deixar e

Continua na TERCEIRA pág.

Aqui,
Lisboa!

A série de crimes que os jornais têm noticiado, alguns bem horríveis, vem ilustrar numa forma bem clara a que resultados podem conduzir os desequilíbrios ou a ausência de valores morais. As pessoas arripiam-se, comentam a seu modo os acontecimentos e tudo volta à mesma. O número das famílias dissolvidas cresce e as desinteligências entre os seus membros, com o seu cortejo de abdições e maus exemplos, são o pão nosso de cada dia; os espectáculos libidinosos são os mais comuns e os mais rendosos, com a apologia descarada ou subtil, do que degrada o homem; a publicidade pela imagem, pela escrita ou pela fala, ante a passividade de muitos responsáveis, manifesta o seu poder de corrupção, como é exemplo um anúncio de um filme recentemente exibido na Capital, considerado como um monumento à loucura do nosso tempo...; a literatura pornográfica aparece a todas as esquinas; nos jornais e nas revistas, ao lado dos assuntos mais sérios e elevados, insere-se o mais baixo e corrosivo; nos transportes públicos, nas praças, nas ruas e nos ca-

Cont. na TERCEIRA página



A Capela da Casa do Gaiato de Beire — na mesma quinta do «Calvário» — afirma a paixão de Pai Américo pela Beleza e Simplicidade.

Lourenço Marques

Nem tudo são rosas nesta Casa do Gaiato. Andamos aflitos com a falta de água. Não a de rega para a quinta que tem muita, mas cujo aproveitamento está estimado em mais de cem contos. Mas a água da alimentação da nossa comunidade de 22 pessoas, incluindo os dois casais. Temos um furo artesiano com bom caudal, mas a vinte e cinco metros de profundidade e portanto sem possível aproveitamento para já também. Temos um poço, pouco profundo, com água não inteiramente boa, tirada por um moinho de vento que nos tem fornecido suficientemente. Entretanto a nossa Casa tem aumentado. As regas do jardim exigem; as obras na mesma; e, para além da contingência de não chegar a tudo, há que contar com as faltas do vento.

Aconteceu nestes dias que o vento faltou. Para estas circunstâncias recorreremos a dois motores, já um pouco cansados. O primeiro foi posto a trabalhar. Por algum tempo se ouviu o seu barulho, mas logo se calou. Foi o seu canto de cisne. Levado à Casa vendedora pedem tanto pelo concerto como por um novo. Recorre-se ao outro que, durante uns dias, dá um jeito. Mas logo se cala. Vai a reparar e vem pior. Verdade é que não levaram nada, mas teria sido na intenção de fazer depressa boa venda que só não aceitámos porque em tal aperto era mais trágica a carência de dinheiro que de água...

Ainda pusemos a esperança numa Casa que teria para dar ou emprestar algum em uso, mas nem sequer pudemos chegar a quem nos podia valer. Corremos vários serviços públicos, empelheiros... e nada. Há dois dias que não corria um fio de água nas torneiras.

Cont. na SEGUNDA página

PATRIMONIO DOS POBRES



O Património dos Pobres não é somente, nem sobretudo, uma Obra de construção de casas, mas um ponto de encontro de almas com os seus problemas, com a sua ânsia de redenção. A «Obra da Rua» deu Pai Américo por subtítulo «Santuário de Almas». E o Património é-o também. Gerada no Altar, naquela hora de diálogo íntimo e profundo que era a celebração da Missa — conforme o próprio Pai Américo confidenciou mais de uma vez — que valor maior e primeiro podia ter tal Obra do que ser um meio de salvação, posto ao serviço do irmão indigente, que precisa dos outros, que tudo espera dos outros, para sair do afogamento em que definha, recobrar uma existência humana,

sem a qual jamais poderá florescer a vida divina!

O Património é para a salvação daqueles a quem se destina o bem material que ele é. E não menos para a salvação dos que o promovem, na medida em que a Caridade os acorda para tanta omissão da Justiça e eles se dão, amorosa e inteligentemente, a supri-la.

Quando Jesus veio ao mundo, veio por amor dos pecadores e andou por entre eles, escandalizando os «puros» do século. Como o Mestre, também o Património se abre aos penitentes e não pode fechar-se aos que vivem

Cont. na SEGUNDA página

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

Ora aconteceu passar por aqui um serralheiro mecânico, Amigo do nosso Júlio. Viu a nossa necessidade, olhou para o motor, pôs-lhe a mão, desapareceu peças, apreciou as faltas. Tirou peças e mandou procurar semelhantes. Era sábado. Na segunda vieram novas. Na terça voltou o Amigo. Ajustou novamente cada coisa no seu lugar. Puxou-se o cordão ao motor e a água jorrou. Feitas as contas, salvo o trabalho amigo da reparação, não chegou a trezentos escudos.

E andei eu a cismar com a falta de água e de dinheiro para comprar um motor! Els como, com boa vontade e amizade, se fez tudo e o que era inútil se revalidou. E assim tanto do que nos dão adquire

um valor novo, às vezes incalculável, pela amizade e oportunidade!

Em Obras como esta o dinheiro não resolve tudo; às vezes nem é preciso, quando se encontra um Homem que nos ame. Confesso que sofri um pouco, mas afinal não era o motor avariado; eu é que estava enganado. Deus escreve direito por linhas tortas e através dum motor velho, que já deu o que tinha a dar, encaminhou para nós um homem, um Amigo. Nem tudo são rosas, mas não há delas sem espinhos.

Padre José Maria

Visado pela
Comissão de Censura

Depois de uma ausência de dois meses devido à doença com que o Senhor me quis brindar, venho hoje conversar um pouco com os nossos Amigos. Começo por vos agradecer, não só às pessoas que se interessaram pela minha saúde, como a todos que nos ajudaram com as suas encomendas, embora poucas é certo. Sem elas nunca será possível manter esta Obra, tanto do agrado daqueles que compreendem o alcance dela. Alcance este, que só pode continuar pela generosidade de todos os leitores de «O Gaiato», e não só dos Amigos da primeira hora, que têm sido incansáveis, principalmente os de Lisboa. Sempre à frente Lisboa; não queiram perder a camisola amarela, que é sempre dos vencedores! Tudo é grande, se nos ajudarmos mutuamente. No dizer de alguém: «Criminoso aquele que não faz nada por si e pelo bem comum». É sempre tempo de começar. Por isso gostaria que este ano fosse pelo menos como o ano passado. Era um consolo ver a alegria estampada no rosto das tecedeiras,



embora cansadas por vezes com o trabalho, pois quando o dia não chega, trabalha-se pela noite fora. No dizer delas, a noite não tem cancelas. Mas pelo que vejo, decorridos já 5 meses deste ano, as coisas não vão correndo tão bem. A não ser um comerciante da Póvoa de Varzim, ainda ninguém pediu mais chales. Tenho bastantes feitos, e à volta de 300 Kg. de lã para os fazer. Calculem quanto dinheiro empátado! A lã, tanto se pode gastar nos chales, como em camisolas, tapetes, colchas, carpetes, etc. O que é preciso é encomendas, seja de qualquer género. Ainda há dias recebi carta de uma senhora de Lisboa, onde mostra a sua alegria quando se fala de Ordins, traduzindo essa alegria em Obras, mandando 500\$ para camisolas, que foram enviadas para os rapazes da Casa do Gaiato do Tojal. Também de Lisboa, ofereceram 2 para os Pobres da Conferên-

cia de Paço de Sousa. Agora uma sugestão: Não ficariam bem os gaiatos vestidos com as camisolas de Ordins? Tanto se usam de inverno como de verão; a diferença está em serem mais leves para esta época. Com uma cajadada matavam 2 lebres. Davam trabalho às raparigas que estavam assim entretidas nas horas livres da labuta dos campos, e vestiam os rapazes, tantos eles são! Como a conversa já vai longa, e o espaço n'«O Gaiato» é sempre pouco, ficamos por aqui.

Maria Augusta



José Carlos e João Manuel, filhos do nosso Manuel Teixeira



Peço o favor da vossa atenção para as três cartas que, a seguir, se publicam:

«Eu sou casada há doze anos; tanto eu como meu marido temos o grande desgosto de não ter filhos. Temos feito alguns pedidos para a Santa Casa assim como para o Abrigo Maternal e ainda nada conseguimos porque há muitos pedidos à nossa frente. Nós somos assinantes do Jornal «O Gaiato» e lembramo-nos da Senhora.

Eu e meu marido tínhamos muito gosto em conseguir uma menina para a possuímos como filha, uma menina até aos quatro aninhos. Nós temos uma vida que podemos proporcionar um futuro feliz a uma criança: eu sou modista, trabalho por conta própria e meu marido é estabelecido em Lisboa.

Aguardo o favor da sua resposta e sou muito agradecida».

«Sabendo que recolhe meninas sem pais, e julgando poder ser-vos útil, há uma família da Gafanha da Nazaré — Aveiro que desejava educar uma menina que já tivesse 7 ou 8 anos. São pais de família, cristãos e de boa formação, que actualmente vivem sós, pois os filhos já casaram. Ele é capitão de mar, e a senhora vive só. Já educou uma menina orfã que se encontra casada. Sente-

-se ainda com coragem de repetir a bela acção.

Se estiver nos vossos regulamentos fazer isso, agradeço uma resposta, o pároco...»

«Boa Amiga,

Porque o mesmo Ideal nos anima: proteger criancinhas necessitadas, e estando a trabalhar nesse sentido, aqui na cidade do Porto, fomos procurados por quatro casais, de absoluta idoneidade moral e possuidores de recursos materiais, que estão desejosos de adoptar, segundo as leis em vigor, 4 meninas órfãs de pai e mãe, 3 das quais com a idade de 2 a 5 anos, e 1 de 12 a 18 meses.

Como se trata de almas bem formadas, estamos imensamente empenhadas em conseguir proporcionar-lhes isso que eles consideram a sua grande felicidade, e que seria, ao mesmo tempo, o futuro assegurado de quatro criancinhas, a quem a sorte tenha privado do carinho dum lar.

Sendo assinante do Jornal «O Gaiato», e tendo assim, com o maior interesse, seguido a evolução das «belenitas», que perto de Viseu têm encontrado tanta ternura, aqui estamos a pedir-lhe, descobrir-nos as 4 pequeninas, que talvez possa conhecer por essas terras da Beira. Quem dera que assim fosse! Muito o agradecemos a

Deus e a si também. Que a Estrela de Belém nos guie, já que recorreremos a Belém».

Pedidos como os que constam das três cartas acima, tenho-os recebido às dezenas, ao longo destes 9 anos.

Porém, até hoje, ainda só consegui satisfazer um com bons resultados.

As meninas (creio que, com os rapazes, já não se dá o mesmo) órfãs de pai e mãe e livres doutros parentes que lhe possam criar complicação, são tão procuradas por casais sem filhos, que só muito raramente vêm dar a obras como esta.

Pelo que tenho lido e ouvido, estou certa que esta informação constituirá grande surpresa para muitos dos nossos leitores.

Se até agora tem sido assim, quanto mais daqui por diante, com as garantias que a adopção legal dá aos pais adoptivos!

As interessadas devem consultar o novo Código Civil sobre as condições de adopção verdadeira e própria, para que não dêem às cegas um passo de tanta responsabilidade.

Eu terei muito gosto em servir de intermediária para apresentar as duas partes interessadas. Porque, em assunto de tanta monta, quem tem de assumir a responsabilidade é que deve avaliar os prós e os contras. Sei, por experiência, que a interferência de terceiros só pode trazer complicações.

Inês — Belém — Viseu

PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

ainda mergulhados no pecado, ao qual só a luz intensa do Amor os pode arrancar.

Ainda há dias passava por aí um Pároco com um problema aflitivo: É uma mulher inválida e abandonada pelo marido que, não sabendo o sabor salvífico do sofrimento, de azeda, que talvez já antes fôsse, se tornou insuportável. Vive com uma filha jovem, cujo porte corre graves riscos. Pois bem: Na Paróquia ninguém a quer. O Pároco deseja fazer uma casinha para ela. Na Paróquia, para ela, ninguém ajuda. Há uma casinha que talvez se pudesse dar-lhe... Os vizinhos fazem guerra: — Que não, que vá para longe. E o bom do Pároco está em riscos de se indispor com os seus paroquianos, para não deixar aquela mulher abandonada à sua sorte.

Para onde há-de ela ir? Que se lhe há-de fazer, senão sofrê-la em desconto dos nossos próprios pecados?!

Outro dia chegou aí esta carta:

«Caros amigos respeitavelmente venho por este modo pedir ajuda dos amigos haver se consigo arranjar a casa que comecei mas ainda pedia a sua

ajuda que me falta solhar e repartir com ajuda de bários amigos Deus lhe pagará. Sou uma rapariga solteira teve a infeliz sorte de ter uma filha aonde o homem não me quiz e foi cazar com outra e foi obrigada a pedir uma ajuda para fazer casa que o meu pai matame com porrada, várias vezes. tenho ficado por casa dos vizinhos e com isto termino teve aquela infeliz sorte, mas agora tenho-me portado bem pode pedir emformações, pedia a sua ajuda pelas almas sou esta que me assino.»

Esta é mais feliz. Cafu, mas não ficou caída, nem parece revoltada, mesmo quando o «meu pai mata-me com porrada». Antes: o seu pecado motivou-lhe uma situação, da qual ela teve que sair-se. E saiu-se bem, «com a ajuda de bários amigos», que compreenderam e lhe deram a mão para que da hora d'«aquela infeliz sorte» em diante, ela pudesse portar-se bem, como com tanta simplicidade confessa e o seu pároco testemunha.

Quem dera que estes pequeninos acontecimentos, caindo sob os olhos de muitos, tocassem os seus corações e fizessem luz, luz de misericórdia que rasga trevas e nos abre a todos nós pecadores os caminhos do Céu.





Auto-Construção

Queremos Auto-Construtores conscientes, com personalidade, como se costuma dizer agora. Tratando-se de um movimento muito difícil, não o podemos entregar à improvisação. Assim, quando se pensa lançar Auto-Construtores numa terra é preciso falar, algumas vezes, a cada um dos futuros membros da equipa. As reuniões em conjunto virão depois, e só depois. As reuniões, seja de que natureza forem, só valem quando cada um daqueles que nelas tomam parte tiver feito seus os assuntos a tratar. De contrário é tempo perdido. F. tanto, tanto tempo se tem perdido assim! Quando alguém quiser lançar o movimento numa terra tem de se encontrar, com tempo, sem pressas, com um elemento do futuro grupo e falar-lhe e fazê-lo falar e ouvi-lo e levá-lo a entrar bem dentro do assunto. Dizer sempre as dificuldades e as facilidades, os prós e os contras. É assim que se formam homens, na verdadeira

acepção da palavra, que pensam, que raciocinam e que escolhem. Esses serão Auto-Construtores conscientes e, por isso, de valor. A primeira conversa tem de seguir-se uma segunda e uma terceira. O homem foi embora e entrou a pensar, a roer e a remoer o assunto. Por um lado sente-se tentado a experimentar, por outro lado tem receio, medo de se comprometer. Tem medo dos outros; em verdade tem ainda mais medo de si mesmo. Há o ideal a empurrá-lo e a tentação a não o deixar passar à decisão. Toda a colaboração limita o homem e este quer a soberana independência. Toda a ajuda recebida mostra pobreza e o homem não quer confessar essa sua situação. Daí o individualismo, daí o isolamento anti-humano e anti-cristão. Uma segunda conversa é então necessária, indispensável. Aceitar as dificuldades, ouvir atentamente os outros. Saber dar razão quando for o caso, compreender. Depois es-

clarecer pacientemente, usando sempre o diálogo. Ouvir. O monólogo é o pior dos métodos também neste caso. Um passivo não se educa. Temos de tirar os nossos jovens da passividade, se os queremos educar. Saber ouvir, saber perguntar. Depois o primeiro tem de partir à procura do segundo, associando esse primeiro a toda a organização, desde a primeira hora. Auto-Construção é para os trabalhadores; terá, por isso mesmo, de ser feito pelos trabalhadores. E isto não se refere apenas ao trabalho material, mas também a tudo o que diga respeito ao movimento. Na formação dos grupos, na resolução das dificuldades, — que serão muitíssimas, aliás — na expressão do movimento, têm que estar os nossos trabalhadores como homens e como cristãos. Ninguém e nada os poderá substituir.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

NOTAS DE VIAGEM

Seguia no «correio» da manhã a caminho de Coimbra. A meia viagem surge o pregão, que o ruído do comboio não abafava entre as duas carruagens pegadas à minha — e assim nos acompanhou até ao fim.

Muito bem trajado, o cego ia e vinha, clamando: «Comprem os versos do pai que matou o filho quando voltou do Ultramar; o irmão que matou a irmã. Traz as canções do Festival. Toda a colecção só por dez escudos».

Como se fôra pouco um só vendedor de tão categórico artigo, daí a momentos surge outro, este não cego, vendendo «uma colecção para entreter a viagem com a engraçada história da mulher que vendeu o marido por 7\$50 — e tudo por vinte e cinco tostões».

Eu não vejo muito de comboio, mas o suficiente para

observar o que se lê nestas «colecções para entreter a viagem». E ainda nesta reparei que a mercadoria tinha razoável venda entre a gente modesta que regressava às suas terras de recados em Aveiro, ou ia aviá-los a Coimbra. Entre Aveiro e Coimbra é assim muito flutuante a frequência do comboio. Pois entre os que entram e saíam, vários eram os que levavam, para edificação sua e dos seus, a colecçãozinha brejeira «para entreter a viagem», mal-los versos de «pai que matou o filho, de irmão que matou a irmã, com canções do Festival e tudo, só por dez escudos».

Não havia dúvida: o negócio é mesmo negócio!

E eu fiquei a pensar: — Se a Verdade tivesse semelhantes direitos de circulação...!

E viva a Educação Nacional!

Agu Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

fés temos, por vezes, a sensação de se ter adoptado entre o género humano, a norma de proceder dos simples irracionais nas suas manifestações instintivas; apelando para a comodidade e não sabemos

para que mais, das mini-roupagens, chegamos qualquer dia à ausência delas, com a agravante da ausência do pudor que Adão e Eva manifestaram após a queda original; etc, etc.. Para onde caminhamos? A dissolução moral, di-lo a História, leva inevitavelmente ao caos e à ruína dos povos. Encontrar-se-ão as forças do Bem adormecidas? Não haverá Homens na nossa Terra à altura do momento? Estaremos a falar aos peixes como S.to António?

x x x x

As oficinas elevam-se. O caminhar paulatinamente é uma prova à nossa fé, que não nos deixa de couraçar. Mais nos preocupa o elemento humano ao serviço dos Rapazes. Temos amargado pela carência de valores. Desde mestres (?) pouco respeitadores do alheio, temo-los tido de todos os cambiantes, como os que arrastam os Rapazes ao abandono da Casa e à degradação do carácter. Honra aos que servem honesta e exemplarmente, mas é caso de procurá-los de dia com o auxílio da candeia de Diógenes... Um padre da rua é um «homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Padre Horácio

Padre Luís

Uma efeméride

Sabíamos que era por estes dias, mas qual ao certo, não. Houve que recorrer à memória dos da primeira hora. E acertou-se que foi no dia 31 de Maio de 1943 que Pai Américo veio para Paço de Sousa com os primeiros Rapazes transferidos da Casa de Miranda d. Corvo.

Em carta datada de Coimbra, 9 de Março de 1943 e dirigida ao Senhor Presidente da Junta de Província do Douro Litoral,

Pai Américo expunha o seu programa:

«...Mas nós não vamos somente colocar a Casa Pia de Paço de Sousa no seu lugar; vamos fundar também, nos terrenos da cerca, a Casa do Gaiato do Porto.

Trata-se de uma Obra ingente, fora e acima da velha rotina do asilo, onde se ajuda o Abandonado da Rua a fazer a sua auto-educação. É uma cidadela de

vinte e cinco casas de famílias, onde o garoto da rua aprende a realizar-se e a bastar-se em casa, na escola, no campo e na oficina; e há-de pertencer sempre a esta grande família, até constituir a sua.

Não vamos «limpar» as ruas do Porto, dos pequeninos vagabundos que as infestam, não vamos. Vamos, sim, transformar cada um deles em homem útil à Nação. Já temos cinco mestres na Casa do Gaiato de Coimbra, preparados para a fundação da Casa do Porto e eles serão na realidade os seus fundadores. Temos um hortelão, um cozinheiro, um padeiro, um roupeiro e um Mestre de Moral. Estes adoráveis pequenos não-de receber às portas da Casa do Porto os pequeninos da rua que ali ferebater. Nós, quero dizer os meus colaboradores e eu, somos meros assistentes da Obra, mas a Obra é deles, para eles, governada por eles. Responsabilidade, interesse, aprumo, liberdade, carácter. Assim é hoje na Casa do Gaiato de Coimbra. Assim será amanhã na do Porto.»

A entrega oficial foi feita em 20 de Abril do mesmo ano, em obediência a portaria ministerial de 10 de Abril e de acordo com os novos estatutos homologados pelo Governador Civil do Porto em 16 de Abril. Mas só em 31 de Maio seguinte a posse

Continua na QUARTA página



«O Padre da Rua é um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada». Isto escreveu Pai Américo. E assim também ele descreveu o Barredo no «a laia de Prefácio» do «Barredo»:

«Um segundo volume do «Barredo», sim, mas outro Barredo com casas e armazéns de negócio ribeirinho. Fontes. Pracetas. Mirantes. Jardins. Gente limpa e bem disposta. Segundo volume de um outro «Barredo», aonde se possa narrar com verdade de como foi e quanto o Porto não rejubilou, com a demolição total daquela grande desgraça; daquela nossa desgraça! Segundo volume de um outro «Barredo», aonde se possa dizer também com verdade, o nome do homem que execu-

tou uma tal obra de salvação pública. Sim. Digo bem. Ao ver nas páginas do futuro livro, devidamente ilustradas, as condições dolorosas e desumanas dos actuais ocupantes daqueles sítios, nada repugna acreditar que os homens de bem se determinem a dar preferência a esta obra, dizendo baixinho para dentro de si mesmos, que também eles, uma vez postos naquelas condições, haviam de

Continua na QUARTA página



PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Eu é que vou à mercearia comprar o que hei-de comer. Ontem fui e vim de lá muito triste: Uma mulher, de idade avançada, com as costas curvadas por ainda andar agarrada à enxada, pediu o seu pequenino avio semanal. Um nadinha de cada coisa do imprescindível. Chegou à altura de comprar bacalhau e pediu uma quarta. O merceiro avia e diz-lhe o preço. Ela achou caro e diz que é mais caro do que o costume. Ele diz-lhe que encareceu, mas ela não se conforma e replica que ganha e mesma que antes ganhava. Fez-me pensar, e deeu-me, mais aos que ali estavam.

Ela trabalha ainda porque, se deixar, morre de fome. É das que toda a vida trabalharam e têm vergonha de andar de porta em porta a pedir.

Não é por via de bacalhau nem de aumento das coisas que escrevo. Eu vejo aqui ao pé de mim aquela mulher que protestou na mercearia, dizendo que não podia pagar mais caro e bacalhau, por via de o preço do seu esforço estar tão barato em proporção ao que se compra. Eu não sei quanto ganhas nem o que gastas nem tão pouco sei se compras coisas com registos de imposto. O que sei, e temos experiência, é que o Pobre da enxada, sem sindicatos, caixas e não sei que mais, vive «ao Deus dará».

Desde há muitos anos que há a Caixa de Providência, o abono de família para isto, e para aquilo. Todos saboreiam esse estímulo, menos os que andam agarrados à enxada, de sol a sol, sempre alegres na sua lida. O que arranca da terra o que nós comemos, vive saturado, embora julgues que não. Se queres a prova real vai à mercearia e vê quanto ele gasta, quanto paga, e quanto precisa para alimentar os seus.

Na mercearia é que eu tenho aprendido do muito valor que os Pobres, os oprimidos, têm. De dia, no trabalho, aqui ou ali, não mostram o que têm nem quanto ganham.

Têm vergonha!...

Sim, têm vergonha de ganhar menos do que vale o seu esforço.

Eu sei que a nossa vida material depende uns dos outros, mas quem se lembra do homem ou da mulher que cava a terra para saborearmos isto e aquilo que sai da terra com o seu suor? Aqui há arroz; não como o que comemos à mesa! Se fosses até aos arrozais e visses as mulheres enterradas na lama até aos joelhos, saías do teu gabinete e vinhas prá rua clamar por Justiça para os que não a vêem porque não são alvos dela! Na minha Pobreza «ricas», sei bem avaliar a rica «Pobresa» dos da minha igualha.

Aqui vai a minha vivência, para que sintas o que senti no protesto daquela mulher velha: «Mais caro? Eu ganho o mesmo que ganhava».

Ernesto Pinto

Noticias da Conferência de Paço de Sousa

O DIA VICENTINO — Também fomos ao Porto, confraternizar espiritualmente com os recoveiros dos Pobres da Diocese. Seríamos, talvez,

um dos grupos mais numerosos. Dez elementos ao todo.

Foi um dia cheio. E viemos mais esclarecidos. E com vontade de acertar. O trabalho pelos Pobres — ninguém duvide! — é dos mais santos processos de nos unirmos a Cristo que, na pessoa deles, sofre a crueza das omissões dos homens. Deixamo-lo sangrar, sofrer e, quantas vezes!, morrer, verdadeiramente crucifi-

cado. Esta uma Verdade — e uma Linguagem — que, apesar de ter dois mil anos, permanece como letra morta para a esmagadora maioria...! Mas o nosso mundo, apesar de tudo, tem fome de conhecer, viver, amar e trabalhar pelo problema número um da nossa era, em que dois terços da humanidade morre lentamente, enquanto o outro vegeta regaladamente. Tem sim senhor! Não cruzemos os braços *santamente, milagreiramente...* Abramos os olhos e os braços — do corpo e da alma — amando, amando sempre. Ainda que, às vezes, por fraqueza, esfriemos ou pequemos por indolência e o mais. A Meta, porém, não se atinge num dia, num ano, em dez, em cinquenta anos. É o resultado e balanço de uma vida de altos e baixos. E só cantaremos Vitória, se procurarmos levar o Facho aceso até ao fim. Deus nos ajude!

O QUE RECEBEMOS — Eis a presença simpatiquíssima dos nossos Amigos, dos nossos companheiros de acção. Abre Noémia, de Mecúfi, em Moçambique, com 50\$00 de lá. Agora, de Ponte de Sor, 50\$00 de cá. Quando é que os senhores da finança resolvem estas disparidades? Mais 40\$00 da assinante 17022. Viva a perseverança! E metade de Lisboa: «Oferta de um assinante». E mais perseverança: 30\$00 mais 50\$00 da assinante 17740. Aí temos uma presença que muito nos sensibiliza: a velha amiga D. Rosa — «Viúva do Porteiro» — com 20\$00 que seriam para um bilhete da Festa no Coliseu. Mas não pôde estar connosco por doença! Que Deus a ajude. E lhe dê forças e Força para levar o seu calvário até ao fim. Mais uma nota de 20\$00, oferta de uma funcionária dos C. T. T., de Lourenço Marques. Finalmente, uma camisola de lã feita em Ordins, por ordem de uma grande Amiga de Lisboa. E é tudo. Muito obrigado.

Júlio Mendes

UMA DESGRAÇA

«Há 14 anos faleceu o Abade da Loureira, concelho de Vila Verde, que legou os seus bens às casas de caridade da cidade de Braga, e a algumas pessoas, que declarou herdeiras.

Surgiu uma Fundação com o nome de «Abade da Loureira», mas que nada resolveu quanto à herança, em virtude de sentença judicial.

Propuseram-se, depois da sentença judicial, as casas de caridade, devidamente habilitadas à herança. Há poucas semanas as casas de caridade aumentaram de número, porque se apresentaram mais algumas para o mesmo fim.

Uma comissão nomeada pelo conjunto das primeiras casas de caridade tenta resolver dois problemas: Se devem

aceitar-se as instituições que se apresentaram ultimamente e como resolver o caso dos herdeiros.

Dessa tentativa resultou o seguinte: Oferta às casas de caridade de 25 por cento, e uma compensação aos herdeiros.

Estes receberam mil e oitocentos contos, e as casas de caridade não aceitaram a oferta de 25 por cento da fortuna, que se avalla em trinta mil contos».

(in «Novidades»)

Se ainda há quem tenha dúvidas da sabedoria divina dada a Pai Américo ao deixar-nos por herança o dever de rejeitar as ditas — não lhas resolverá esta notícia?!

Continuação da TERCEIRA pág.

foi tomada, de facto, pelos fundadores desta Casa do Gaiato.

Vinte e cinco anos são passados. A Casa Pia de Paço de Sousa, foi de verdade «colocada no seu lugar», não burocraticamente, mas eficientemente, não tendo, desde então, pela graça de Deus, deixado mais de ser um foco de irradiação de bem para este povo da terra, esquecido quanto a benefícios, que da exploração dos seus ofícios muitos vivem.

E a Casa do Gaiato, de quantos «homens úteis à Nação» não tem ela sido mãe ao longo deste quarto de século! Pela sua maternidade, quantos se salvaram, que sem ela teriam sido pesos-mortos para a Nação! Decerto, não «limpamos» as ruas da nossa Pátria «dos pe-

queninos vagabundos que as infestam» e cada vez mais as infestam, porque cada vez mais a desagregação moral da nossa sociedade produz lixo. Mas, «fazer de cada rapaz um Homem» foi e continua a ser o nosso ideal, um ideal muito belo e muito válido no meio de um mundo que já descobriu os caminhos do espaço, mas ainda não os caminhos do Próximo.

Nós não sabemos exprimir em números os frutos de salvação operada (e repugnar-nos-ia fazê-lo), mas sabemos que vale a pena, que rende sempre a nossa missão, «nem que se salvasse só um...; mas eles são tantos... mas eles são tantos».

Por isso, de modo muito íntimo, nós festejamos os 25 anos desta Casa em acção de graças. E neste espírito queremos viver os anos que o Senhor nos der.

BARREDO

Cont. da TERCEIRA página

gostar que outros lhe acudissem. Esta é a regra».

Pois bem. Por amor deste Barredo vamos começar a «via dolorosa» das repartições e dos gabinetes à procura do homem que execute tal Obra de «salvação pública». Vamos incomodar os «homens de bem a se determinarem a dar preferência a esta Obra». Vamos não só, mas contigo, de mãos dadas, recebendo as forças uns dos outros para forçar a entrada, se preciso, pois trata-se duma Obra de salvação pública e, por isso mesmo, a ninguém alheia, quer à Igreja, quer aos cidadãos, quer aos governantes.

Consta-me — e eu quero acreditar nos homens da nossa Edilidade — que já há estudos e projectos para tornar realidade esta ressurreição do Barredo, que Pai Américo já viu feita. Eu e todos nós somos testemunhas de como eles

se têm dado de alma e coração aos desalojados das ilhas e agora aos do «Xangai». Sabemos do esforço extraordinário que fazem «para dar lugar e casas aos ditos».

Pois nós todos vamos lá ter com eles e dizer-lhes que não desanimem. Que o Barredo tem de ser a preocupação primeira. Que esqueçam, por uns anos, outras grandes realizações, úteis e necessárias também, mas que se virem ao Barredo como Pai Américo o viu — e compreenderão que não se pode adiar mais. Vamos dizer-lhes que, como nós contamos com eles, eles podem contar connosco. Todos seremos poucos para tanto, mas, se dermos as mãos e tivermos fé que nos dê ver a Obra realizada mesmo antes de começada, por amor ao nosso irmão em quem vive o Senhor Jesus, o segundo volume de «O Barredo» sairá tal qual o predisse Pai Américo.

Padre Abraão

Lourenço Marques

Meus caros amigos leitores. É a primeira vez que escrevo para o famoso jornal «O Gaiato»!

* O «Quim carpinteiro», nosso mestre de obras, já anda a tirar a carta de condução de pesados para poder conduzir o nosso camião, que o «Entreposto» nos ofereceu.

* Andamos com o problema da nossa Avenida, com ajuda duma «buldozer», que a Seteia nos vai emprestar e um camião que as Obras Públicas nos empresta também. Depois da Avenida, começamos com a Casa-Mãe.

* Já temos uma camarata quase pronta para podermos receber rapazes. Já veio mais um de Tete, misto, chamado Fernando José.

* Futebol... Os caros amigos leitores, já sabem que uma casa como esta, tem que ter sempre um campo de futebol... E temos já 70\$00 para comprar uma equipa.

Ezequiel



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE